

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 14 DE DEZEMBRO DE 1999

*Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhor Governador do Distrito Federal, Doutor Joaquim Roriz; Senhores Embaixadores; Parlamentares; Senhor Presidente da Editora Três, Domingo Alzugaray; Senhor Editor-Chefe, Hélio Campos Mello; Senhores e Senhoras agraciados com o Prêmio Brasileiro do Século; Senhores e Senhoras Jornalistas; Senhoras e Senhores,*

Às vezes, quase ao acaso, os dias se marcam de uma forma, eu diria, inolvidável. Hoje, pela manhã, participei de uma pequena cerimônia na qual queria expressar um agradecimento, em nome do país, a um conjunto de brasileiros, meia dúzia deles, talvez um pouquinho mais, uns oito, que, em um concurso internacional que se faz anualmente, se destacaram nas suas profissões, que são qualificadas, mas não de curso superior. Um era mecânico e bastante ligado à informática. Outro era eletricitista, e por aí afora. Brasileiros que se destacaram em uma competição com 36 países. Dois deles tiraram o primeiro lugar.

E eu, tendo lido um artigo do Dr. Antônio Ermírio de Moraes, que mencionava o fato e mencionava que não havia registro dessa homenagem, achei que era meu dever convidá-los a vir ao Palácio do Planalto

para que o Presidente dissesse o quanto estava feliz de ver brasileiros que se destacam pelo seu esforço e ganham prêmios internacionais.

Agora, estamos aqui para homenagear os grandes brasileiros e brasileiras deste século. Creio que, na exposição que acabamos de ouvir, tão emocionada, de uma das descendentes de Juscelino Kubitschek, aquela que mais está ligada, por ter sido Vice-Governadora desta cidade, Márcia disse, de uma maneira exemplar, que, ao homenagear Juscelino, que foi grande, que ela também prestava homenagem aos brasileiros e brasileiras que conviveram e que o sucederam anonimamente por este Brasil afora. E é isso mesmo.

Assim se faz uma nação. Uma nação se faz não apenas com aqueles que, como os aqui presentes e os que representam os agraciados, se destacaram de uma maneira indiscutível nos grandes feitos do século, mas também se faz pelo esforço anônimo. E os que mencionei há pouco talvez tenham deixado um pouquinho de ser anônimos, mas, de qualquer maneira, fazem parte desse enorme contingente de brasileiros e brasileiras que se esforça, no cotidiano, para se superar a si próprio e para ser capaz de dar ao país, e a ele também, uma condição melhor.

O fato de estarmos, hoje, aqui, de a revista *IstoÉ* ter decidido, em um bom momento, neste quase final de século, chamar a atenção, nas várias categorias aqui mencionadas, para aqueles que se destacaram é um sinal de um país que tem vitalidade. E essa vitalidade está ligada não apenas à excelência das pessoas – e os aqui mencionados são todos de excelência –, mas à qualidade do conjunto das pessoas que aqui habitam.

Há no Brasil alguma coisa que me parece que é a força, é a energia deste país. E também – creio que a Márcia mencionou algo nessa mesma direção – é o fato de termos uma forte mobilidade social. Juscelino é neto de alguém que veio buscar a aventura nas Américas. Outros dos agraciados também vieram buscar a aventura nas Américas. Há sempre aqui um impulso de mobilidade. Essa é a nossa força. Construimos uma sociedade aberta. Uma sociedade que tem essa capacidade de projetar. E, ao projetar, ver o mérito, ver a excelência da pessoa, o caminho da pessoa. Nem sempre é assim. Nem todos ascendem, nem todos têm o reconhecimento. Mas existe, crescentemente, a sensação democrática de que essa sociedade

é capaz de fazer com que a excelência conviva com as aflições do cotidiano e que haja o respeito merecido àqueles que se destacam e, da parte daqueles que se destacam, pelos muitos que não conseguem se destacar mas que estão nessa mesma luta para construir um país melhor.

Não sei se haverá muitos lugares, hoje, no mundo em que seja possível, como nós, aqui, agora, nesta cidade, quase à moda renascentista, homenagear alguém que criou uma cidade e que, ao criar esta cidade, teve o condão de chamar os melhores artistas do país, como é o caso de Niemeyer, e deixar marcas que vão se perpetuar pelos séculos afora. E que, ao criar essa cidade, cria também uma espécie de símbolo permanente de um país que acredita em si mesmo.

Não sei se haverá muitos lugares, hoje, que tenham essa força que o Brasil tem e que seja tão bem simbolizada por Brasília. É alguma coisa de extraordinário que o criador de Brasília seja o homem do século. Tinha que ser o homem do século: ele criou Brasília. E, ao criar Brasília, recriou o Brasil. E, ao recriar o Brasil, deixou as marcas físicas desse novo Brasil, dos monumentos que nos cercam e que talvez nós, no dia-a-dia, nem possamos mais nos emocionar como devêssemos, ao ver o que está aqui, concretizado nesta obra que é Brasília.

Eu disse que isso tinha um quê de Renascimento, porque tem mesmo um quê de Renascimento. Tem um quê de fusão entre a vontade, que é decisiva, entre a capacidade técnica, sem a qual não se constrói, e a imaginação, sem a qual também nada se faz, e sem, portanto, a arte e a criação.

E ao serem distribuídos aqui esses títulos de brasileiros do século, vemos que houve essa capacidade de premiação à ciência, aos realizadores, à criatividade e à arte. Não foi, provavelmente, por acaso, quem sabe, mas foi simbólico, de toda maneira, porque é desta argamassa que se constrói uma nação. É por isso que, como Presidente da República, vim aqui para prestar, juntar-me a esta homenagem a esses brasileiros do século, essas brasileiras do século, porque se perdêssemos – não perderemos – a capacidade de distinguir, se perdêssemos a capacidade de olhar, e, ao olhar, de vislumbrar o que há de positivo, não seríamos capazes de ser herdeiros desses grandes brasileiros, deste século e dos séculos que nos antecederam.

Estamos agora quase no início de um novo século. Mas vamos marchar para esse início de um novo século com a consciência de que somos uma grande nação. Uma grande nação não é uma nação que tem inimigos, não é uma nação que deseja vencer outras nações. É uma nação que, acreditando em si, é generosa e que, sendo generosa, mesmo acreditando em si, e mesmo sabendo a sua grandeza, não pode fechar os olhos aos desafios que ainda existem dentro dela. Nós os temos, e muitos. Não são só nossos, são do próximo século.

Conseguimos, digo nós de forma universal e não só o Brasil. Neste século, vamos ver, talvez, a maior revolução tecnológica da História. Mas, talvez, não tenhamos consciência plena disso. Mas desde o nuclear, até as telecomunicações, passando pela informática, tudo mudou.

Criamos a condição material para a prosperidade, acumulamos riquezas, mas também sabemos que existem problemas difíceis de serem resolvidos, que são o oposto disso. O da pobreza, o das dificuldades de integração. E, portanto, sabemos que o grande desafio do século que se aproxima é, basicamente, o de distribuir essa capacidade imensa de criar riqueza que já temos e de fazê-lo de uma forma que permita maior igualdade, portanto, mais democracia. Não é pequeno o desafio. Combater as desigualdades, combater a pobreza, manter e ampliar a democracia. Mas é esse desafio que temos pela nossa frente. Tenho certeza de que nós, como nação, na medida em que formos capazes de prestar atenção àqueles que marcaram o nosso passado, teremos força para seguir adiante.

E é por isso que, ao vir aqui, me sinto feliz de poder cumprimentá-los, como fiz, a cada um dos agraciados, a *IstoÉ*, e de dizer-lhes como disse a Márcia: Nós não temos que temer. Nós confiamos em nós próprios. Nós confiamos que seremos capazes, como povo, de seguir adiante com humildade, mas também com determinação. E não vamos perder nunca de vista o exemplo desses grandes do século. Nós que aqui labutamos, em Brasília, vamos estar a cada dia a olhar esta cidade magnífica, recordando Juscelino e pedindo que ele continue a nos inspirar e a nos dar força como País para seguirmos adiante.

Muito obrigado.